RESUMO
Se a escola não estabelece um ambiente seguro, que integre e valorize as diferenças, ela afasta os alunos. A educação antirracista, pautada na Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, é um dos mecanismo importantes para corrigir esse cenário e mudar a forma de educar. É nesse contexto que o presente artigo irá se basear: na educação antirracista. Por meio da revisão da literatura esta pesquisa buscará análise e descrição desse tema tão importante para atualidade. A educação antirracista é considerada um eixo fundamental, pois o trabalho infantil na atualidade tem relação com o racismo estrutural presente em nossa sociedade. Desejo atrair a atenção dos educadores para o tema e contribuir para a descoberta de novas hipóteses para superarmos o racismo tão presente em nossa sociedade. É na esperança do chão da escola que garantimos o discurso antirracista valorizando a diversidade. Esse tipo de representatividade tem o potencial de inspirar e motivar os alunos, mostrando que eles ocupam um lugar importante socialmente e que suas aspirações são legítimas e alcançáveis.

PALAVRA-CHAVE: Escola, educação antirracista, cultura, educadores e diversidade.

SUMMARY
If the school does not establish a safe environment that integrates and values differences, it alienates students. Anti-racist education, guided by Law 10,639/03, which makes the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture mandatory, is one of the important mechanisms to correct this scenario and change the way of educating. It is in this context that this article will be based: on anti-racist education. Through a literature review, this research will seek to analyze and describe this topic that is so important today. Anti-racist education is considered a fundamental axis, as child labor today is related to the structural racism present in our society. I wish to attract the attention of educators to the topic and contribute to the discovery of new hypotheses to overcome the racism so present in our society. It is in the hope of the school floor that we guarantee anti-racist discourse valuing diversity. This type of representation has the potential to inspire and motivate students, showing that they occupy an important place socially and that their aspirations are legitimate and achievable.

KEYWORD: School, anti-racist education, culture, educators and diversity.

INTRODUÇÃO

A educação desempenha um papel fundamental na promoção da justiça social e na superação de problemas crônicos que assolam a sociedade brasileira, como o racismo estrutural, as desigualdades de gênero e outras formas de opressão. A escola é o espaço onde crianças e adolescentes constroem seus primeiros aprendizados e fazem descobertas sobre a vida; entretanto, também é palco de experiências de preconceitos e violências, sobretudo para estudantes negros. Quando o ambiente escolar não proporciona um espaço seguro, que valorize e integre as diferenças, há o risco de afastar esses alunos, prejudicando seu desenvolvimento e inclusão social. Nesse contexto, a implementação de uma educação antirracista, fundamentada na Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, constitui-se como um mecanismo essencial para a transformação da realidade educacional e social.

Este artigo tem como objetivo analisar o tema da educação antirracista, a partir de uma revisão da literatura, buscando compreender sua importância e aplicações no contexto escolar atual. A discussão se justifica pela relação intrínseca entre o racismo estrutural e o trabalho infantil na sociedade brasileira contemporânea, evidenciando a persistência de desigualdades originadas na escravização negra, que durou mais de 350 anos no Brasil. Tal histórico impacta a ga-

rantia de direitos da população negra até os dias atuais, agravada pela ausência de políticas públicas eficazes de reparação e transformação social.

A estrutura do trabalho está organizada em quatro sessões principais. A primeira apresenta Orientações Pedagógicas acerca da Educação Antirracista, baseada em relatos de formadores do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais. A segunda discute a importância do espaço físico da escola na promoção da educação antirracista, ressaltando a necessidade de ambientes que promovam representatividade e diversidade. A terceira analisa as ações antirracistas no ambiente escolar, buscando compreender a efetividade de sua implementação. A quarta aborda a valorização da diversidade racial ao longo de todo o ano letivo, além de datas comemorativas, para consolidar uma cultura de respeito e inclusão.

Ao promover uma reflexão sobre o papel da escola na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, espera-se contribuir para o desenvolvimento de novas hipóteses e práticas pedagógicas que possam auxiliar na superação do racismo estrutural, garantindo o direito de todos a uma educação que valorize a diversidade e promova a equidade.

CURRICULO DA CIDADE: EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Orientações Pedagógicas - Educação Antirracista: Povos Afro-Brasileiros (FIGURA 1), é material construído a partir de escuta aos formadores e formadoras do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais - NEER das Divisões Pedagógicas das 13 Diretorias Regionais de Educação. Um momento importante para a escrita desse documento foi a realização do curso: "Tecendo olhares para uma educação antirracista: análise, reflexão e produção de material pedagógico antirracista". Em abril de 2021, o NEER recebeu 837 inscrições e, por meio da leitura de cartas de intenções, selecionou 28 educadores(as), sendo dois de cada DRE e duas que atuam no Núcleo Técnico de Currículo (SME/COPED, 2022).



FIGURA 1: Material digital do Currículo da cidade: Educação Antirracista. Disponível em: https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Curriculo-da-Cidade-Ed.-Antirracista.pdf

Foi formado um grupo de trabalho que, a partir dele, realizou pesquisas, análises de textos e documentos curriculares de diversos municípios de São Paulo e de outros estados do Brasil. Após essa fase inicial de leitura, reflexão e debate, iniciamos o processo de elaboração do texto que agora apresentamos. O documento começa com uma breve história da construção e implementação da Lei nº 10.639/03, destacando seus 20 anos de atuação e algumas das principais ações realizadas pela SME (SME/COPED, 2022).

Na Parte 1 – "Desvelando Conceitos para uma Educação Antirracista" –, abordamos conceitos que frequentemente podem ser mal interpretados pelos(as) educadores(as), prejudicando o avanço das relações raciais dentro das escolas.

Na Parte 2 – "Das Intenções às Ações: o Cotidiano das Unidades Educacionais" – convidamos à reflexão sobre posturas e práticas do dia a dia escolar que, muitas vezes, já

deveriam ter sido superadas. Um exemplo é a abordagem dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana somente no mês de novembro, considerando essa temática como pontual e não parte integrante do currículo e do fundamento pedagógico (SME/COPED, 2022).

Na Parte 3 – "Interseccionalidades na Educação Antirracista" – destacamos as intersecções de opressões que podem ocorrer, muitas vezes despercebidas, como raça e gênero, raça e deficiência, além das particularidades da Educação de Jovens e Adultos.

Na Parte 4 – "Áreas do Conhecimento e Educação Antirracista" – buscamos evidenciar, em cada área do conhecimento, os pontos principais que devem ser considerados para fortalecer as ações de implementação da Lei nº 10.639/03 nas Unidades Educacionais.

Na Parte 5 – "Seguindo na Trilha para uma Educação Antirracista" – apresentamos nossas considerações finais, reforçando o objetivo de envolver e apoiar todos(as) os(as) educadores(as) na jornada de uma educação antirracista, caminhando com determinação e segurança para avançar cada vez mais.

Por fim, essas orientações, fundamentadas nas experiências e vivências de educadores(as) de diversas Unidades Educacionais, que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio, contribuíram para a construção de um documento que dialoga com as realidades cotidianas dessas instituições (SME/COPED, 2022).

COMO O ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA PODE ESTAR ALINHADO À EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA?

Na escola, tão importante quanto garantir o discurso antirracista é o ambiente mostrar a valorização da diversidade, seja nas imagens decorativas da sala de aula e nos brinquedos e livros disponíveis aos alunos, seja na presença de professores e estudantes pretos e indígenas.



FIGURA 2: Quando se trata de Educação Antirracista, é indispensável pensar em um espaço que promova a representatividade e a diversidade, pois esse cuidado com os elementos presentes pode impactar na percepção dos alunos sobre si mesmos. Foto: Camilla Portella/NOVA ESCOLA. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21900/espaco-fisico-da-escola-e-educacao-antirracista

A Educação Antirracista deve ir além do discurso, pois ela demanda uma integração profunda entre o que é ensinado aos alunos e o ambiente onde esse processo ocorre. Nesse sentido, o espaço escolar e tudo o que o compõe se tornam parte importante do aprendizado (FIRMINO, 2024).

Não basta, por exemplo, o professor falar sobre a importância da literatura afro-brasileira, se os cartazes nas paredes mostram apenas escritores brancos. Ou ainda abordar a valorização da diversidade, se as crianças não têm à disposição bonecas negras para brincar. Essa distância entre o que se diz e o que se mostra contribui para perpetuar estereótipos.

Diante disso, os gestores e educadores devem se questionar sobre o que as salas de aula e todo o espaço da sua escola comunicam: eles estão alinhados à Educação Antirracista? As referências visuais e os materiais disponíveis no ambiente escolar reforçam de fato a inclusão, a igualdade e o respeito às diferenças? É preciso alinhar discurso, ações e referências imagéticas para que se

tenha, verdadeiramente, uma escola com práticas antirracista (FIRMINO, 2024).

LETRAMENTO RACIAL

Assim como o ambiente alfabetizador é essencial durante o processo de alfabetização, também é importante haver um ambiente que ajude no letramento racial das crianças e alunos no contexto da Educação Antirracista.

Um ambiente alfabetizador, por exemplo, é composto por elementos visuais como alfabetos ilustrados e painéis de numerais, que auxiliam as crianças a identificarem, de forma autônoma, as pistas necessárias para aprender a ler e a escrever. Quando se trata de aplicar a Educação Antirracista, é indispensável pensar em um espaço que promova a representatividade e a diversidade, pois esse cuidado com os elementos ali presentes pode impactar na percepção dos alunos sobre si mesmos (FIRMINO, 2024).

Segundo Clarissa Brito, professora e pedagoga com especialização em Educação Infantil, o ambiente com letramento racial está comprometido com o desenvolvimento da consciência de si mesmo como sujeito. Isso proporciona diferentes experiências de aprendizagem e permite que as crianças possam, de algum jeito, se ver e saber quem são.



FIGURA 3: É preciso que o ambiente escolar reflita, visualmente, a diversidade que existe nas turmas, incorporando elementos de maneira intencional e pedagógica. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21900/espaco-fisico-da-escola-e-educacao-antirracista.

Para o desenvolvimento dessa identidade, Clarissa sugere que a sala de aula, que é esse lugar de letramento racial, tenha um espelho. “O aluno deve ter a experiência de poder se admirar e ser convidado a olhar os seus próprios olhos, o seu cabelo e a beleza que existe nele. Relacionar-se com seus traços é fundamental para potencializar a autoestima negra no ambiente escolar”, afirma a pedagoga. Ela diz que as crianças brancas devem ter a oportunidade de observar aqueles que não são seus pares raciais na mesma experiência de admiração e de autocuidado (FIRMINO, 2024).

Quando alunos negros e indígenas se veem representados nas imagens, nos livros e nos materiais escolares, conseguem validar suas identidades e experiências, aumentando o senso de pertencimento. É um reconhecimento de que suas histórias, culturas e contribuições são respeitadas.

“As imagens contam muito sobre o que a gente acredita e considera relevante. Então, o ambiente de aprendizagem precisa ter representação. Se há na minha sala de aula murais indicativos, figuras que estão mostrando ações, gestos e modelos, é importante haver representatividade negra para forjar imaginários e ‘normalizar’ a presença negra em qualquer lugar da sociedade”, aponta Clarissa Brito (2024).

Esse tipo de representatividade tem o potencial de inspirar e motivar os alunos, mostrando que eles ocupam um lugar importante socialmente e que suas aspirações são legítimas e alcançáveis.

AVALIAR AS AÇÕES ANTIRRACISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Em muitas escolas estão presentes ações pedagógicas voltadas ao combate ao racismo no mês de novembro, quando estamos nos aproximando do, agora, feriado nacional da Consciência Negra. A escola se enfeita com os “murais da consciência”, feitos pelos alunos e com incentivo dos professores, que trazem frases com apelos como “fim do racismo”, “racismo é crime” e “igualdade para todos os grupos raciais” (CASTRO, 2024).

Pode acontecer ainda a organização de palestras sobre o tema, com a presença de intelectuais, para sensibilizar as crianças em

relação ao comportamento antirracista e até rolar uma roda de capoeira, que bem representa a cultura afro-brasileira.

Podemos observar algumas escolas enfeitada com máscaras africanas e professoras mais habilidosas e descoladas fazendo turbantes nas alunas. E, no real, a escola fica realmente bonita de se ver! Isso mostra o quanto a cultura afro-brasileira existe e contribui para nosso repertório cultural enquanto povo brasileiro. Entretanto, resta saber o quanto essas estratégias, de fato, colaboram para a aprendizagem da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) que, em suma, espera-se que afetem nossa consciência para superarmos o racismo.

Nosso grande incômodo é a manutenção dessa data como único momento, dentro do calendário escolar, em que a cultura negra é lembrada, assim como ocorre com as culturas indígenas em abril.

Pense: por que o 20 de novembro, trabalhado de forma pontual, em algumas escolas, acaba não colaborando com a consciência negra, mas prejudicando? Em uma sociedade racista como a nossa, que não valoriza a presença negra, nem seus elementos culturais, quando apenas 'enfeitamos' a escola, sem um trabalho de sensibilização e valorização, pode ser um incentivo indireto para a discriminação (CASTRO, 2024).

Quem já não presenciou nos murais sobre a Consciência Negra pichações discriminatórias, desumanizando as imagens de pessoas negras, descaso com os enfeites que enaltecem a cultura afro-brasileira ou até queixas dos alunos negros ridicularizados pelos colegas?

Outro ponto que demonstra que, isoladamente, esse trabalho não é efetivo é a própria maneira como, às vezes, ele é feito. Muitos cartazes trazem mensagens de criminalização do racismo ou afirmam que todos os grupos raciais merecem respeito, mas as imagens que acompanham o título ainda colocam a pessoa negra em posição de inferioridade.

Às vezes, são imagens que retratam o negro no período da escravidão ou pessoas negras em posição socioeconômica inferior, acentuando um lugar de subalternidade, imagens que não se alinham ao discurso que o cartaz traz.

Quando isso acontece, provavelmente, não houve uma ação pedagógica de sensibilização e valorização da cultura afro-brasileira, nem uma preocupação com a curadoria das imagens utilizadas. Isso ocorre com trabalhos pedagógicos feitos às pressas, afinal, são essas as imagens popularizadas e que rondam o imaginário coletivo, impregnado pelo racismo estrutural (CASTRO, 2024)

Quando não há um Projeto Político Pedagógico antirracista nas escolas, pode ocorrer também a romantização da presença negra por meio de performances em que a negritude se apresenta, como a representação de máscaras e outros elementos artísticos, danças, vestimentas, comidas típicas, sem tocar no problema do racismo em si (CASTRO, 2024)

Mais uma vez, é necessário entender que o racismo é uma ideologia de poder historicamente construída, que exalta a presença e a cultura europeia e, mais recentemente, norte-americana, ou seja, branca, em detrimento dos grupos negros e indígenas que tiveram suas culturas discriminadas, inferiorizadas e até demonizadas. Diante desse contexto, é fundamental existir uma preparação pedagógica para a aprendizagem das relações raciais para as novas gerações, para que elas venham a ser a mudança de paradigma cultural, quebrando o ciclo da discriminação.

Evitamos, assim, que nossas crianças aprendam a naturalizar a discriminação, que as crianças brancas aprendam que são o modelo de humanidade e discriminem outros grupos raciais e que as crianças negras aprendam a se desvalorizar, pois assim são descritas no imaginário social construído pelo racismo.

Dessa forma, o 20 de novembro deve entrar no calendário pedagógico como dia de reflexão crítica. A equipe pedagógica não deve trabalhar o tema de forma leviana, como pode ocorrer na produção rápida dos cartazes e enfeites sem ao menos promover um projeto pedagógico que discuta o problema do racismo e provoque a reflexão das relações raciais. E isso não é feito em um dia ou uma semana.

É preciso um bom aquecimento do tema até que a escola esteja preparada para trabalhar a temática como "comemoração da consci-

ência negra", é preciso refletir o racismo e como combatê-lo, identificar valor na presença negra e suas contribuições exaltando os elementos da cultura material e imaterial atribuídos aos negros, ou seja, atribuir aos negros e indígenas pertença e humanidade (CASTRO, 2024)

VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE RACIAL DURANTE O ANO TODO

Para que isso tudo aconteça, precisamos de boas estratégias pedagógicas antirracistas que invistam não só em cenários, mas em boas formas de promoção das relações entre os diferentes grupos sociais que transitam na escola. Já pensou como anda a efetivação da educação para as relações étnico-raciais em sua escola? Você pode afirmar que sua escola tem práticas verdadeiramente antirracista? (CASTRO, 2024).

Primeiro, toda a equipe pedagógica precisa conhecer algumas ferramentas antirracistas, também conhecidas como políticas de ações afirmativas. A Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica, visando assegurar o direito à igualdade de visibilidade das diversas culturas que compõem a sociedade brasileira. Depois, houve uma nova alteração pela Lei 11.645/2008, que inseriu nesse mesmo contexto o ensino das histórias e culturas dos povos indígenas na Educação Básica.

A Resolução CNE/CP 01/2004 estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Este documento não apenas reconheceu a urgente necessidade do ensino sobre histórias e culturas africanas e afro-brasileira, como ofereceu o entendimento da necessidade de uma educação que valorizasse a diversidade e combatesse as desigualdades raciais, delineando princípios condutores para nossas ações pedagógicas.

O Estatuto da Igualdade Racial foi uma lei sancionada em 2010, sendo um conjunto de regras e princípios jurídicos que visam a coibir a discriminação racial e a estabelecer políticas para diminuir a desigualdade social existente entre os diferentes grupos raciais (CASTRO, 2024).

Os Indicadores de Qualidade na Educação - Relações Raciais na escola é uma publicação que traz instrumentos que permitem à comunidade escolar avaliar suas práticas, ao mesmo tempo em que descobre novos caminhos para construção de uma educação com a marca da igualdade racial. Os indicadores promovem uma metodologia participativa provocando a reflexão de como anda a intervenção pedagógica escolar quando o assunto é a educação para as relações étnico raciais.

Tais ferramentas antirracistas trataram de estimular a produção de conhecimento, gerar a valorização da cultura negra e indígena, a fim de desenvolver a noção de pertencimento étnico-racial, visando a construção de uma nação democrática, onde todos possam ter seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (CASTRO, 2024).

Na prática, buscam enriquecer o currículo escolar a fim de possibilitar o reconhecimento da positivação da imagem negra através de sua história e cultura, promovendo assim condições de empoderamento e ampliação da participação de tais grupos em diferentes espaços sociais.

Observar como anda a consolidação da Educação para as Relações Étnico-raciais em nossas escolas é tarefa indispensável para assegurar a inclusão equânime de todos os grupos sociais no quesito da participação e responsabilização na construção de uma sociedade mais democrática em que todos se sintam respeitados e valorizados.

Por isso, toda equipe pedagógica deve se preocupar em fazer valer a prática da ERER, entendendo que o ensino de valor sobre histórias e culturas dos diferentes grupos raciais do Brasil tem impacto na melhora do nosso convívio com aquele que é o outro na relação social. A equipe pedagógica precisa estar atenta para que os trabalhos sobre educação para as relações raciais não venham a alimentar desigualdades ou discriminações raciais e que não sejam isolados (CASTRO, 2024).

Ainda vivemos em uma sociedade racista, mas acredito que é possível mudar essa realidade. Para isso, no entanto, é necessário esperançar, conforme nos ensinou Paulo Freire, um outro tipo de sociedade, uma sociedade mais humana - e aí podemos acrescentar antirracista -, uma sociedade que

nasça da empatia e do diálogo que permita a todos aprenderem a olhar a realidade a partir de diferentes perspectivas, promovendo valores, atitudes e comportamentos de respeito mútuo (CASTRO, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação antirracista é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ela desempenha um papel fundamental na desconstrução de preconceitos e estereótipos raciais, promovendo uma compreensão mais profunda e empática das diversas experiências e perspectivas de grupos racializados.

Ao educar indivíduos sobre a história, a cultura e as contribuições das comunidades racializadas, a educação antirracista ajuda a combater a desinformação e o racismo institucional. Ela promove o respeito e a valorização da diversidade, incentivando um ambiente onde todos se sintam reconhecidos e incluídos.

Além disso, a educação antirracista capacita as pessoas a identificar e desafiar práticas e atitudes discriminatórias, contribuindo para a construção de políticas e práticas mais equitativas nas instituições educacionais, no local de trabalho e na sociedade em geral.

REFERÊNCIA

CASTRO, Lavini. Saiba como avaliar as ações antirracistas da sua escola, 2024. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21879/como-avaliar-acoes-antirracistas-na-escola. Acesso em 17/08/2024.

FIRMINO, Carol. Como o espaço físico da escola pode estar alinhado à Educação Antirracista? 2024. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/21900/espaco-fisico-da-escola-e-educacao-antirracista Acesso em 17/08/2024.

GAGLIONI, Cesar. Como escolas podem fomentar uma educação antirracista, 2023. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/11/15/como-escolas-podem-fomentar-uma-educacao-antirracista. Acesso em 16/08/2024.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: educação antirracista: orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros. – Versão atualizada. – São Paulo: SME / COPED, 2022.